

## KIERKEGAARD NO PORTO, 2013

O dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard é um dos mais originais e influentes filósofos do século XIX. Schopenhauer, Kierkegaard, Marx, Nietzsche, representam talvez as mais importantes vias de reação ou desenvolvimento do pensamento de Hegel.

Søren Aabye Kierkegaard, nasceu a 5 de maio de 1813 e morreu a 11 de novembro de 1855. Polímata, autor de uma obra profundamente religiosa e especulativa, situa-se entre a filosofia e a teologia, em posição crítica da sociedade e do lugar que nela ocupa a religião instituída e o diálogo com a tradição. Os textos que publicou em vida são sobretudo de intervenção e polémica pública, recusando qualquer aspiração sistemática para uma obra que assinou sob vários nomes e deixou em grande parte inédita. O descentramento do sistema expressa-se também pela pseudonímia que usou abundantemente, assinando a partir de 1843 os seus textos com nomes inesperados para os quais criou identidades distintivas que mantinha, aperfeiçoava e multiplicava. Apesar dos poucos leitores e do pouco sucesso literário que teve em vida, o que seguramente aprofundava a sua amarga relação com a indiferença, publicou muito sob pseudónimo, a que outros seus pseudónimos poderiam responder também publicamente, encenando assim por interpostas *personae* um pensamento que explorava a contraposição de pontos de vista. A pseudonímia de Kierkegaard é um processo distinto mas tão eficaz quanto a heteronímia que Pessoa viria a inventar, para expressar a dilaceração e a multidão que habita as contradições próprias do pensamento radical, aquele que aprofunda a intimidade com as coisas mesmas de que o pensamento se ocupa. Toda a produção escrita de Kierkegaard pode ser lida como a obra sobre a obra sobre a obra, a vertigem que se alimenta da proliferação e da arrumação em permanência. Começa assim a introdução de *Ponto de visto explicativo da minha obra como escritor*.

Na minha obra cheguei a um ponto onde é possível, onde experimento a necessidade e por conseguinte, considero agora meu dever declarar de uma vez por todas tão francamente, tão abertamente, tão categoricamente quanto possível, em que consiste a produção, o que pretendo ser como autor. (S. Kierkegaard, *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*, trad. J. Gama, Ed. 70, Lisboa 1986, p. 19).

O autor que quer explicar-se categoricamente mantém a reserva de poder explicar-se definitivamente, mesmo para si próprio. Termina o prefácio:

Uma simples palavra ainda. É evidente que não posso dar da minha obra de escritor uma explicação integral, quero dizer, no caráter estritamente íntimo e pessoal em que a tenho. Por um lado não posso assim tornar pública a minha relação com Deus: tal relação é efetivamente, nem mais nem menos que a vida interior própria de cada homem, despida de todo o caráter oficial, como se encontra em cada um; seria criminoso passá-la em silêncio e tenho a obrigação de a por em evidência, ou poderia invocá-la para dela me valer; por outro lado não pretenderia (e ninguém o quererá) impor a alguém o que unicamente diz respeito à minha pessoa privada e que, a meus olhos, é contudo de grande importância para explicar a minha personalidade de autor (Idem, p. 24).

Kierkegaard está longe de cair numa simplista e contingente reflexão introspectiva como via de acesso ao âmago do que importa em Filosofia. Referindo-se a Sócrates, escreve em *O conceito de ironia*:

A ironia limita, finitiza e circunscreve, e por isso produz verdade, realidade, conteúdo; disciplina e pune, e por isso produz estabilidade e consistência. A ironia é um disciplinador temido apenas por aqueles que o não conhecem, mas amado por aqueles que o conhecem. A quem não compreende de todo a ironia, a quem não tem ouvido para o seu sussurrar, falta-lhe *eo ipso* o que se pode chamar o princípio absoluto da vida pessoal; falta-lhe o que momentaneamente é indispensável para a vida pessoal; falta-lhe o banho de regeneração e rejuvenescimento, o baptismo de purificação da ironia, que salva a alma de ter a sua vida na finitude, mesmo que nesta viva enérgica e robustamente.

Esta frase, talvez mais do que qualquer outra em *O conceito de ironia*, exprime uma atitude genuinamente socrática e, desde Sócrates, constitutiva do *ethos* filosófico, e que se deixa dizer de múltiplas maneiras, que nada têm de moralista ou de edificante, no sentido criticado por Hegel (“a filosofia não deve ser edificante”). Trata-se, no fundo, de determinações práticas da ironia.

A ironia “purifica”, diz Kierkegaard. Em linguagem socrática, conduz-nos ao reconhecimento da falibilidade dos nossos pontos de vista, à admissão da ignorância própria e do erro, isto é, da finitude. Nisso ela é “disciplinadora”. Interditos os entusiasmos, o convencimento delirante do saber próprio.

A busca da verdade é abertura para a infinitude, através da dúvida. E de uma dúvida publicamente partilhada. Sócrates diz que tal é a condição para, na medida do possível, “melhorarmos a nossa alma”. A partilha na busca da verdade permanecerá, de uma forma ou de outro, um requisito essencial da ética da filosofia.

A distância para consigo mesmo, “princípio absoluto da vida pessoal”, como escreve Kierkegaard, é a condição necessária para olhar para dentro de si mesmo e para viver a única vida que vale a pena, uma “vida examinada”. “A vida sem exame é indigna de um homem”. É preciso conversarmos com nós-mesmos. A conversa com o nosso privado *daimon* é o *pendant* imprescindível à nossa conversa com os outros. Exame público e exame privado são duas faces da mesma moeda.

A partir destes três requisitos da ética da filosofia – nem sempre cabalmente seguidos pelos filósofos, de resto –, podem-se deduzir, negativamente, três tipos de atitude anti-filosófica que tanto Sócrates como Kierkegaard inteiramente condenaram. Elas encontram-se em todos os domínios do pensamento e da actividade humana. São elas:

– A não-aceitação da falibilidade, da ignorância própria e do erro, e o entusiasmo delirante que decorre de uma tal não-aceitação. Locke dizia: não conseguir ver para lá do fumo das nossas próprias chaminés;

– O não-exercício da dúvida, privada e pública, e a recusa em aprender com os outros. Pensa-se facilmente – porque se trata de um discípulo de Sócrates – em Alcibíades e no desastre para que conduziu os Atenenses aquando da expedição siciliana. O debate entre Alcibíades e Nícias, no Livro VI da *História da Guerra do Peloponeso*, permanece inteiramente actual;

– A confusão absoluta consigo mesmo, que, arrasta consigo a falta do tal “princípio absoluto da vida pessoal” – a capacidade de nos examinarmos a nós-mesmos – e nos torna (a expressão agora é de Kant) em puras “máquinas de palavras”.

De facto, toda a grande filosofia rejeitou, explícita ou implicitamente, este género de atitudes, que procedem de um princípio anti-irónico, na acepção kierkegaardiana da palavra. Mas deve ser difícil encontrar filósofos onde tal condenação seja mais veemente do que em Sócrates e Kierkegaard.

\*

Em Novembro e Dezembro de 2013 o Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras e a unidade de investigação Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, associaram-se para assinalar o segundo centenário do nascimento Kierkegaard. Nesses dois meses decorreram na Faculdade algumas actividades de discussão e divulgação do autor e da sua obra, organizadas em colaboração com a Embaixada da Dinamarca.

Esta celebração teve um duplo momento de abertura no dia 12 de Novembro. No Anfiteatro Nobre decorreu uma sessão presidida pela Diretora da Faculdade de Letras, Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Marinho, e que contou com a presença e a intervenção do Embaixador da Dinamarca em Portugal, Senhor Embaixador Hans Michael Kofoed-Hansen, do Presidente do Departamento de Filosofia e que terminou com a conferência “Atualidade de Kierkegaard” proferida pelo Prof. Doutor Luís de Araújo, do Departamento de Filosofia. Através de um curto excerto de *Ou, ou* escutou-se o tom de Kierkegaard em dinamarquês e em português. Começa o Eremita:

Hvad er en Digter? Et ulykkeligt Menneske, der gjemmer dybe Qvaler i sit Hjerte, men hvis Læber ere dannede saledes, at idet Sukket og Skriget strømme ud over dem, lyde de som en skjøn Musik. Det gaer ham som de Ulykkelige, der i Phalaris's Oxé langsomt piintes ved en sagte Ild, deres Skrig kunde ikke naae hen til Tyrannens Øre for at forfærde ham, for ham løde de som en sød Musik. Og Menneskene flokkes om Digteren og sige til ham: syng snart igjen, det vil sige, gid nye Lidelser maae martre Din Sjæl, og gid Læberne maae vedblive at være dannede som forhen; thi Skriget vilde blot ængste os, men Musikken den er liflig. Og Recensenterne [dvs. anmelderne] træde til, de sige: det er rigtigt, saaledes skal det være efter Æsthetikens Regler. Nu det forstaaer sig, en Recensent ligner ogsaa en Digter paa et Haar, kun har han ikke Qvalerne i Hjertet, ikke Musikken paa Læberne. See derfor vil jeg hellere være Svinehyrde paa Amagerbro og være forstaaet af Svinene, end være Digter og være misforstaaet af Menneskene”.

*Enten – Eller. Et Livs-fragment. Første Deel* [1843], 1.27

O que é um poeta? Um homem infeliz que esconde profundos tormentos no coração, mas cujos lábios se moldam de tal forma que suspiro ou grito que deles irrompa soa como uma bela música. Acontece-lhe como aos infelizes que dentro do touro de Fálaris eram lentamente torturados em lume brando; os seus gritos não alcança-vam os ouvidos do tirano para o aterrorizar, soavam-lhe como uma música suave. E as pessoas aglomeram-se à volta do poeta e dizem-lhe: canta logo outra vez! como quem diz: oxalá novos sofrimentos atormentem a tua alma e os teus lábios permaneçam moldados como antes, pois o grito haveria apenas de angustiar-nos, a música é porém celestial. E os recenseadores avançam e dizem: está certo, é assim que deve ser de acordo com as regras da estética. Ora é evidente que um recenseur também se parece com um poeta como duas gotas de água, só que nem no coração tem tormentos, nem nos lábios tem música. Vede, prefiro por isso ser porqueiro em Amagerbo e ser entendido por porcos, do que ser poeta e ser mal entendido pelos homens.

*Ou – Ou. Un fragmento de vida. Primeira parte, 27*  
(Trad. do dinamarquês por Elisabete M. de Sousa,  
Relógio d'Água, Lisboa, 2013, p. 43)

Após essa sessão, a Diretora da Faculdade de Letras e o Senhor Embaixador da Dinamarca inauguraram na Biblioteca a exposição *Kierkegaard, um dinamarquês universal*, uma mostra itinerante da Embaixada da Dinamarca com 16 painéis em torno da obra, da vida e da difusão do pensamento do filósofo. A Biblioteca complementou a mostra com uma seleção do fundo kierkegaardiano, incluindo edições, traduções, estudos, revistas. A recolha bibliográfica apresentada reflete as mudanças recentes na recepção de Kierkegaard em Portugal, principalmente mediada por traduções para francês, italiano, inglês e espanhol, menos em alemão, sendo que mesmo as mais antigas traduções para português resultam de retradução a partir de alguma dessas línguas. Essa recepção modificou-se nos últimos anos com as obras a serem traduzidas do dinamarquês, a primeira das quais *In Vino veritas* por José Miranda Justo publicada em 2005, seguindo-se diversas traduções pelo mesmo tradutor, tendo também publicado traduções a partir do dinamarquês Nuno Ferro e Mário Jorge de Carvalho, Elisabete M. de Sousa (cfr. o documentado estudo de Elisabete M. de Sousa, «Aspectos fundamentais da recepção de Kierkegaard em Portugal», *Philosophica*, 35, 2010, pp. 9-31). A exposição, que esteve patente ao público até 16 de dezembro de 2014, beneficiou da estreita colaboração entre a Biblioteca da Faculdade e a Embaixada da Dinamarca, pelo que agradecemos respetivamente à Dr.<sup>a</sup> Isabel Pereira Leite e à Dr.<sup>a</sup> Mariana Mateus todo o trabalho de organização e preparação da exposição.

No dia 16 de dezembro decorreu um colóquio sobre o Pensamento e obra de Søren Kierkegaard, com as comunicações que se publicam neste dossier, exceto o texto do Dr. Costa Macedo que será publicado em próximo volume. Também aí sobressaem o entramado ético estético religioso como a fonte paradoxal que marcou a recepção de Kierkegaard ao longo do século XX.

José Meirinhos e Paulo Tunhas  
(Departamento de Filosofia e Instituto de  
Filosofia da Universidade do Porto)